



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 21 de Outubro de 1978 * Ano XXXV — N.º 903 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA DA QUINZENA

Aconteceu na derradeira venda. O Rocha, um dos novos vendedores e dos mais pequenos, tem por sua conta a zona de S. Roque da Lameira. No dia de semana, apanha o Mercado das Frutas e o comércio local; e ao domingo tem a Capela e uma Missa na Igreja de Campanhã. Despacha-se muito razoavelmente. Trata com gente acolhedora, que eu experimentei na minha roda de peditórios da época passada.

Pois na última venda o Rocha sentiu-se mal: vomitou e sofreu fortes dores de cabeça e de garganta. Alguém deu fé. Pegou nele, levou-o ao Hospital e veio trazê-lo a casa já com os primeiros medicamentos e a receita de um outro.

Eu não estava. Não faço ideia de quem seja o senhor. Presumo que tem a sua vida e andava nela. Era segunda-feira de manhã. À vista do pequeno, deixou os seus interesses e foi cuidar do dele, em simplicidade e eficácia como o Bom Samaritano.

Feliz! Eu não lhe posso agradecer, que o não conheço; mas Deus sabe quem ele é e chamará a Si a gratidão.

É um pequenino acontecimento que a todos enriquece. A figura do Bom Samaritano não foi apresentada por Jesus para ficar impressa nas páginas do Evangelho, mas para ser reeditada em vida pelos discípulos de todos os lugares e de todos os tempos. Nos nossos, em que a socialidade é tanto palavra quanto pouco comunicação de vida, em que a pressa domina as maiorias, em que as massas esmagam o indivíduo, saber de um cidadão que pára e se doí com o sofrimento de um irmãozito e perde com ele o tempo necessário para que ele fique bem, diz-nos que ainda há sal na Terra e luz no Mundo e fortifica a nossa esperança tão debilitada pelos importantes, pelos doutrinadores do vácuo.

E para os nossos Rapazes é também um argumento de confiança e um estímulo de brio. Podem passar despercebidos a muita gente; podem ser tratados com indiferença ou hostilidade, por alguns. Mas são observados por muitos, muitos que os olham com amor e seguem os seus passos com interesse e apreciam o seu porte e gabam o seu trajar e às vezes nos comunicam os seus reparos e nos deixam mais seguros e felizes.

Padre Carlos

AQUI LISBOA!

«Se alguém, com inteligência e com prestígio, quisesse fazer no mundo algo de grande e construtivo, podia gastar a sua vida proveitosamente, a bem das almas, combatendo a imoralidade» (Pai Américo).

Não é segredo para ninguém que um materialismo atroz e dissolvente invade cada vez mais a vida da nossa sociedade. Os locais de prazer e de perversão multiplicam-se; as boites e os locais de diversão menos honestos superabundam; a pornografia, considerada como natural até por pessoas com obrigações, é negócio rendoso a alimentar a criminalidade e a desgraça; a imundície e a imoralidade são lugares comuns, nas famílias, na vida privada e na vida pública corrente. Temos para nós que, sem uma autêntica revolução moral, nos afundaremos todos no lamaçal da Vergonha e da ignomínia.

As novas classes dominantes com o seu exemplo deletério, estão a contribuir pressurosamente para o descabro. A porcaria e o dessoramento não se combatem pela mudança das moscas. Só o assumir das responsabilidades, com um empenhamento sério e consequente, pode contribuir para a transformação do teor de vida, em ordem a uma sociedade mais justa e, portanto, mais feliz e fraterna. Quando se busca apenas o dinheiro e o prazer, não há lugar para os valores do espírito e, por isso, tudo o que é verdadeiramente humano, é esquecido ou mesmo combatido. As orgias ou os

bacanais conduzirão, inevitavelmente, à miséria.

A corrupção e a venalidade estão instaladas, como nunca, na Terra portuguesa. O nepotismo e o agir interesseiro, de grupos partidários ou ideológicos, são um lugar comum. Há pessoas que, esgotados todos os esforços para arranjar situações ou emprego, se arriscam a vender a sua própria consciência e correm a inscrever-se aqui e ali para melhor conseguirem os seus objetivos. Muitos cidadãos, para obterem a satisfação daquilo a que têm direito, ou para o verem despachado a horas, têm de recorrer a expedientes pouco honestos.

Falando com alguns responsáveis deste País, a quem temos procurado incutir ânimo e coragem nas horas difíceis em que vivemos, temos sentido quão difícil é ser-se hon-

to e cumprir os nossos deveres. A irresponsabilidade ou o desânimo são lugares habituais; a ociosidade e a indisciplina manifestam-se a cada passo. Quem não se deixa demitir encontra os outros demitidos ou vice-versa; as pessoas, em muitos casos, estão como vendidas umas às outras, num compromisso tácito que as impede de assumir as próprias responsabilidades. Os que não aceitam tal estado de coisas são considerados como parvos ou, então, pura e simplesmente marginalizados.

Importa denunciar, sobretudo para defesa dos Fracos e sem voz, uma situação trágica como a apontada. Incutir ânimo aos homens de boa vontade, para que não esmoreçam, foi a intenção destas linhas. É que não podemos aceitar

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Ontem, o grande dia da desfolhada do nosso milho, consolei-me a desfolhar também.

Estive quase todo o dia — e parte da noite — no grupo dos mais pequenitos. A meu lado estavam os irmãos Zito e Vítor de nove e sete anos. Eles vieram a semana passada dos arbalades de Leiria. São mestiços, com olhos brilhantes como estrelas.

Cada espiga que desfolhavam levavam-na ao ar e ficavam presos de encanto: «Olhe! É como lá longe na nossa terra!»

Eles vieram há um ano do Huambo (Nova Lisboa — Angola). Foi a única coisa que aqui encontraram como na sua terra. Espigas de milho.

Muito contentes, falaram na fuba, no pilão, no depósito onde a farinha é feita. Fizeram gestos como quem mol. Disseram que comiam espigas. Tudo dito com tanto sorriso!...

Fiquei com mágoa de eles não poderem viver felizes na sua terra e terem de viver em terra estranha.

Eis o documento escrito que os acompanhou: «Uma senho-

ra veio de África sem cá ter casa. Veio com um filho dela que é atrasado mental e dois que são filhos do marido, mas não dela. É aflitivo que as crianças não têm onde dormir e a mulher não pode trabalhar para tratar dos pequenos, do anormal e da mãe e sustentar cinco pessoas.»

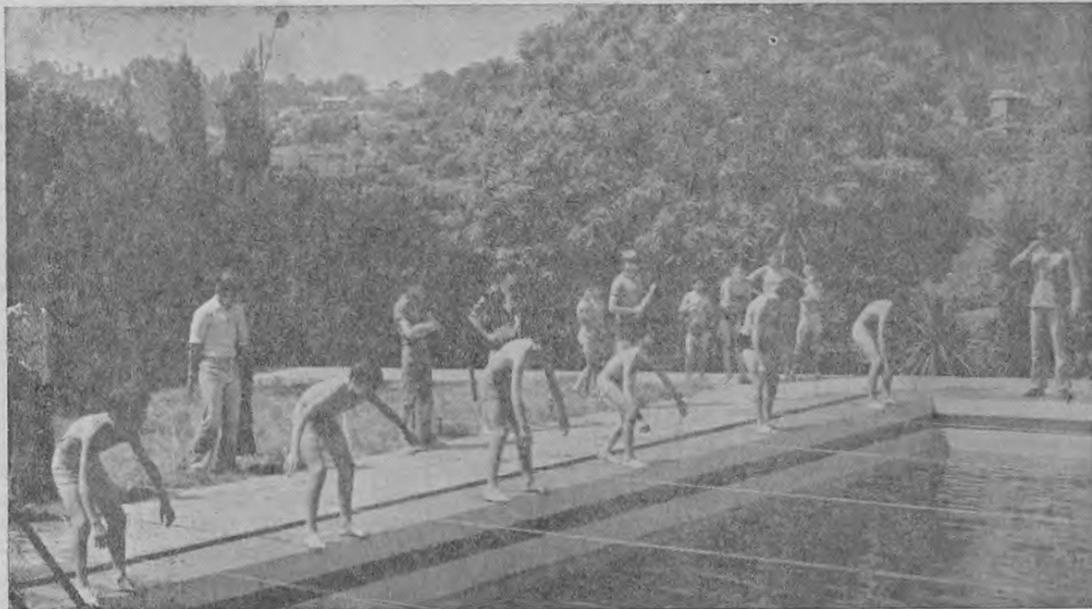
Tantas vezes, ao ver estes inocentes, me apetece gritar os versos do nosso poeta:

«Que quem já é pecador,
Sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor!
Porque lhes dais tanta dor?
Porque padecem assim?»

Mas os pecadores, os vendilhões, os «heróis», os grandes descolonizadores, todos se babam da sua grande epopeia e todos os inocentes hão-de continuar a sofrer.

Afaguei os corpitos do Zito e do Vítor e fomos ao bar tomar uma chávena de leite com café e duas bolachas. E fomos dormir em paz.

Padre Horácio



Água, sol e corpos reluzentes — na piscina da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MUSICAIS — Continuamos a adquirir dinheiro para os respectivos instrumentos musicais.

Desta feita, de Moscovide, fomos oferecida uma viola de caixa que, apesar de não ser famosa, dá para se ir aprendendo. Obrigado muito sincero a esta senhora.

Dizem por cá, que nós ainda não tocamos o mínimo. Evidentemente que não, nós estamos a aprender e não somos profissionais.

Pode ser que haja quem toque melhor!...

Um obrigado a todos quantos nos têm atendido e ajudado.

MUDANÇAS — Os nossos mais pequenitos já inauguraram a casa 4 que até agora esteve em obras. Está bonita e bem alegre como as crianças precisam. Tem um salão com televisão e jogos, o que lhes permite entreterem-se nas horas vagas sem necessidade de andarem por aí sem fazer nada.

A casa está nova, de maneira que agora todo o cuidado é pouco e para isso é precisa uma vigilância constante por parte dos chefes para que os Rapazes não sejam desleixados.

Vamos ouvir a opinião de alguns dos mais pequenitos a quem pus a todos a seguinte pergunta:

— Gostas de estar na casa 4? Porquê?

Agostinho — Gosto. Porque na casa 4 temos brinquedos novos e os da casa-mãe, que era a casa onde estava, estão todos estragados. Também gosto porque está tudo mais bonito e dorme-se melhor.

Samocas — Gosto. Porque são todos mais meus amigos e porque há lá brinquedos para nós brincarmos. No Inverno já não andamos a apanhar chuva, vamos brincar com os carrinhos.

— És capaz de te portar bem?

— Sou, pois. Eu até nem quero estragar nada que é para não me mandarem para outra casa!

Ricardo — Gosto. Porque é uma casa nova, onde temos jogos e vemos televisão e é tudo mais bonito e mais limpinho.

Também gosto dos chefes que são

o Sampaio e o Pires e dorme lá também o P.e Abel.

— Porque gostas dos chefes?

— Porque tomam bem conta de nós e vão ajudando para que nós não estraguemos nada e a casa esteja sempre limpinha.

— Achas que te vais portar bem?

— Vou. E até tenho procurado ser mais amigo dos meus colegas para que eles também sejam meus e assim não haver chatices.

VINDIMA — Estamos a colher o vinho tinto pois o branco já está nas cubas a fermentar.

Ainda não fui perto dos vindimadores, mas, pelo que ouço, tudo por lá anda alegre, principalmente os que estão encarregados de acarretar as domas para o tractor.

É uma alegria por lá e em contrapartida todos esperam o fim.

É um trabalho que agrada à maior parte de todos nós.

CASAMENTO — Casou, há dias, em nossa Capela, o Artur mais a Florinda.

Foi um dia formidável! Por volta do meio-dia foi a Santa Missa na qual participámos activamente.

A seguir, e depois de esperarmos um certo tempo, que aliás já é costume em quase todos os casamentos, entrámos para o refeitório onde também houve festa pois todos cantávamos e dávamos vivas aos noivos.

Logo a seguir foi um pequeno baile no nosso salão de festas. O nosso

conjunto actuou e todo o pessoal dançou como podia e sabia. Houve falta de elementos femininos. Por isso, vários rapazes dançaram agarrados à vassoura.

Foi um dia bastante alegre e divertido.

Oxalá este novo casal que se acabou de unir, seja feliz para sempre, na companhia dos vizinhos e dos que o rodeiam e, mais tarde, na companhia dos filhos, se os tiverem.

Um abraço de todos nós para os noivos e os votos de muitas felicidades na caminhada que não será fácil.

«Marcelino»

MUDANÇA DO CORVO

Depois de termos passado um óptimo e agradável domingo numa piscina de água fresca e corrente que a Natureza oferece ao Homem, os dias em nossa Casa têm decorrido em ritmo acelerado.

São dias que muitos, inconscientemente, poderiam considerar insuportáveis, se nos vissem a trabalhar. É claro que só podem julgar assim, aquelas pessoas que pouco ou nada fazem ou que têm uns filhinhos em bercinhos vítreos para os quais ainda é cedo fazer pela vida e que, assim, gozam longos e abastados dias ociosos.

É em grupo que nos temos metido em grandes empreitadas. Com alegria

barulhenta, sabedores de que o usufruto dos bens de cada trabalho que realizamos, será em nosso proveito e daqueles que vão chegando e depois de superados todos os problemas que surgem em consequência do choque entre os vários feitios e as mais variadas maneiras de encarar certas situações, conseguimos chegar sempre a um fim positivo, devesa, satisfatório.

Andamos em grupo e, em grupo, aparecem sempre os que trabalham muito, os que trabalham pouco, os que preferem realizar mal o trabalho, os que só se decidem a fazer algo quando um bom puxão d'orelhas os obriga a desviar os olhos dum imaginário balão que, passa e a cabeça que, com mais ou menos dificuldade, terá de conseguir homogeneidade no grupo. As nossas maçãs e as peras foram recolhidas das respectivas árvores e devidamente estendidas em sótãos. Andámos calmos e, conscientes de que esta fruta exige certos cuidados, procurámos não pisar para que depois do seu estágio a possamos apetitosamente saborear. Não se pode dizer que o ano foi de abundância, mas foi como Deus quis. Foi durante muito tempo que andámos a comer fruta assada e cozida porque ainda não estava própria para consumo, assim, como caía das árvores.

Fizémos a vindima. Era sábado. E que sábado! Imaginem só:

— É só encher, ó «Osse»!

— *Atão*, olha, na *tenhe* balde!

O «Osse» é um dos nossos, de excelentes proporções pr'a idade que tem. A falta de balde tinha, mesmo à mão, a sua razoável barriga-tanque e um apetite consideravelmente devastador. Não imaginem um monstro porque não o é. É seiralheiro-aprendiz.

É outro que, com voz de quem comeu que nem um abade, diz:

— Eh!! Não comam os cachos todos!!!

Poderá dar a impressão de que andávamos esfaimados. Não. Portámo-nos muito bem. As uvas prensadas, o vinho novo, ainda em bruto, nas pipas; e na bica do alambique já corre, ininterruptamente, um transparente fio de aguardente.

Do nosso milheiral, na terra, só ficaram os canoílos secos. Boas espigas foram descamisadas em alegres seroadas. É bom sentirmos certo bem-

estar interior ao vermos, depois de tantos trabalhos, estas maçarocas reluzindo sob o sol que as amadurece! São tantas e tão boas!

Ainda falta vir a máquina que vai separar do carolo o grão de milho. Depois, é preciso limpá-lo no erguedor e espalhá-lo ao sol e recolhê-lo do relento quantas vezes forem precisas para que, nas arcas, se conserve são.

A vida. O trabalho de quem um dia quer ser alguém. Somos uma escola, não digo de homens perfeitos, mas de homens. Se não fosse Pai Américo e os seus continuadores que seríamos na sociedade?!

Benjamim

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTELHA — O nosso tesoureiro, homem de boas contas (já se está a rir!...), diz que é *sangria* desatada acudirmos aos Auto-construtores que gemem sob a cruz dos pesados encargos que, hoje, oneram uma nova moradia. São *pequenos auxílios* acima dos 5.000\$00. Cinco, sete ou dez, aqui e ali...

São as contas do merceiro. E as do boticário. Não falando, já, dos auxílios normais que entregamos, mão fechada, aos Pobres e que sobem na proporção da inflação que atormenta o País.

Para compensar a dita *sangria*, e para que aos Pobres não falte o que lhes é devido por justiça, temos 500\$ de Carvais, agradecendo *as palavras de ânimo que me foram dirigidas através do número 898 do nosso querido jornal, que toda a gente devia ler e meditar*.

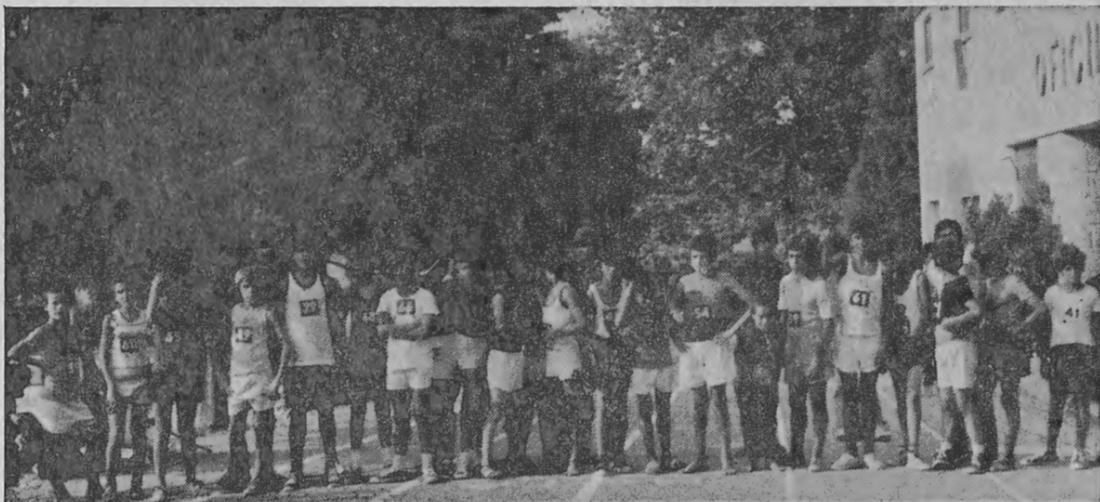
Uma presença amiga de Aveiro. Mais 500\$ da rua da Prelada — Porto; em vale do correio. E mais 200\$ de *«uma portuense qualquer»* — já vinculada à nossa acção — importância relativa *«ao mês de Setembro, mencionando enviar esta quantia todos os meses, enquanto o Senhor me conceder a graça da saúde que me permita trabalhar»*. Que bom!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Ao alto, o Conjunto musical — cujos instrumentos se devem à amizade dos nossos leitores — que serviu de festa (gravura seguinte) no encerramento do Festival das Vindimas/78.



UMA CARTA

Vinha numa carteirinha junta a um embrulho com relógios-despertadores e uma viola. Não vinha só. Acompanhava-a uma outra posterior, ainda mais íntima, tanto que não me atreveria a publicá-la. Ambas reveladoras de uma consciência inquieta e em demanda da Justiça. Quando a inquietação se não torna angústia, mal crónico, sabendo-se alterná-la com estados de alegria e de esperança, pode ser o princípio de uma grande revolução interior — e são estas (e só estas, com certeza!) as revoluções di-

gnas e eficazes: as que cada um opera e sofre dentro de si mesmo em vias de ser melhor. E ser melhor é ser social, mais perfeitamente social — o que só é verdade em vida e não na letra das ideologias.

Alegremo-nos pois com a oração desta nossa irmã. E oremos com ela e por ela (e por nós todos, também!) para renascermos continuamente segundo a palavra de Deus, para sermos palavras que Deus diz enquanto nos tiver no mundo.

Cont. na 4.ª pág.

RETALHOS

□ O tempo vai passando. O Verão já nos deixou e lentamente o Outono vai mostrando a sua «graça». As folhas começam a cair, o ar está mais frio, todos nos vamos dispondo a encarar o viver diferente do Inverno.

Nesta altura, cá em Casa, um movimento próprio desta quadra. As vindimas com tudo o que encerram de alegria e cansaço. As mudanças de trabalho; para a vida funcionar é preciso quem limpe os refeitórios, quem lave a loiça, quem trate dos porcos, das vacas, da horta, etc., etc. A abertura das aulas; é preciso material escolar, engrenar de novo no estudo. É um novo ano lectivo que vai começar e começar encerra sempre movimento!

□ Este ano, nestas últimas semanas, entraram de novo dezanove rapazes. O mais novo com quatro anos e a maior

parte à roda dos sete. Não tem sido fácil para alguns engrenar no ritmo da nossa vida. Algumas lágrimas têm regado a adaptação. Lágrimas naturais. Mesmo a um adulto custa chegar a um lugar onde só encontra desconhecidos, muito mais uma criança. Após as lágrimas vem a fase da descoberta que tem o seu aspecto mais fascinante no encontro com os outros da mesma idade. A pouco e pouco vão-se habituando às normas da Casa e a vida marcha.

Dos que chegaram de novo já muitos foram rebaptizados: o «Cergal», o «Mocho», o «Samoca», o «Dávi», o «Bombeiro», etc.

O «Samoca», num domingo à tarde, vem ter comigo e diz-me:

— Não há direito, eu quando cheguei cá, trabalhei logo e andam para aí dois irmãos que já chegaram há quatro dias e ainda não fizeram nada.

A noite, no Terço, mandei-o chamar. Veio ao meio. A malta nuiu-se de o ver ali, tão pequeno.

— Então o que tens a reclamar?

Não se fez rogado.

— Ah!, já sei. (Compreendeu porque fora chamado.) É por causa dos que não trabalham. Vinde cá.

Procurou-os no meio da comunidade e trouxe-os junto de mim.

— Vá, diz-lhe tu o que tens a dizer.

Levantou a voz, braço no ar:

— Vocês amanhã «apresentaíde-vos» à chamada senão «partinde-vos» a cara.

Nós é que nos partimos todos a rir.

□ A casa 4 foi inaugurada. É um regalo vê-los na sua sala de convívio, nas suas camaratas airosas. São os mesmos rapazes, mas parecem outros. Dantes, no lugar provisório onde dormiam, eram mais rebeldes. O arranjo, as condições mínimas de conforto educam. Está tudo bem, só não

têm rádio. Também falta uma enceradora. Há muitos tacos e para puxar lustro àquilo tudo...! Não há ninguém que nos leia, que tenha alcatifado a sua casa e posto a enceradora na despensa a roubar espaço? Se houver é dizer para cá.

□ O arranjo da casa 4 vem pôr em realce o estudo das outras que de uma maneira mais forte clamam por obras. Chegará a sua hora. Assim nós mereçamos que não faltará quem ajude, como aconteceu com a outra agora pronta.

Padre Abel

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Só durante a última quinzena passaram por nossas mãos um rol deles.

E se muitos dos que conhecem a Obra da Rua, lhe têm amor e, por isso, falam dela, mas desconhecem O GAIATO, se todos esses, que muitos são, ingressassem na Família de assinantes do «Famoso»?!

Com certeza o fogo alastraria até onde O GAIATO não chega. E são tantos lugares!

Na roda dos amigos, dos familiares, do trabalho, dos tempos livres, sei lá!

Ouçam o que nos dizem alguns dos colaboradores da profissão. Almas cheias, arrojadas, para quem o mundo é pequeno. Vão por aí fora dar a mão a outros, noutras bandas. E, depois, comunicam seus nomes para O GAIATO — com muita alegria.

Estes peregrinos não trazem assinantes prováveis. Mas pes-

soas inteiramente motivadas, que aceitam o compromisso da assinatura. Não forçam ninguém. Não pressionam o sim. São «nomes de pessoas que já ficam à espera do próximo jornal». Aqui está.

Ora ouçam:

«Tenho recebido o vosso jornal, que muito vos agradeço. Faz-me sempre bem pensar nos que tão pouco têm e, também ao lê-lo, vejo que ainda há gente de alma muito grande com vontade de ajudar os Pobres.

Para além do anúncio que faço à vossa Obra (e que qualquer dia irei visitar) lembrei-me que seria bom arranjar mais uns amigos assinantes, pois, às vezes, o dia-a-dia faz-nos ir adiando e há coisas que na realidade não podem nem devem ser adiadas. Assim, aqui vai uma pequena lista de nomes de pessoas que já ficam à espera do próximo jornal.»

Esta carta é de Foscoa. Uma senhora que, de há 30 anos até agora, nunca deixou de ler O GAIATO. Que seja por muitos mais.

Atenção a um postal, proveniente de Alcobça, assinante 20616. Diz assim:

«Há muito desejava que uma pessoa do meu conhecimento, residente numa zona do País onde O GAIATO ainda é pouco divulgado, se tornasse assinante do mesmo.

Finalmente consegui. E peço o favor de enviarem o jornal a partir do começo de Outubro próximo...»

O Fogo anda na rua. Fogo de Paz. Não queima vidas nem haveres. Mas semeia inquietação nas almas. É Fogo sagrado!

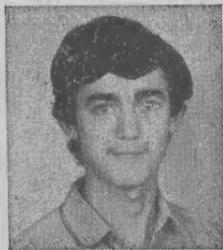
Uma vista d'olhos pela coluna e topamos novos assinantes de Porto e Lisboa e Coimbra; mais Espinho, Barreiro, Rio Maior, Folhadela (Vila Real), Almada, V. N. Famalicão, Fernelmã, Vila do Conde, Castelo Branco, Figueira da Foz, Marinha Grande, Campo de Besteiros, Aveiro, Ermesinde, Coimbra, Silves, Viseu, Rio Tinto e Vila Nova de Gaia.

Padre Moura

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

O RODRIGUES



Sou natural da Quinta de Valdorca — Tábua, onde nasci a 29 de Março de 1961.

Aldeia muito fraca e muito para o interior, as dificuldades de vida eram muito grandes.

Minha mãe teve-me aos 16 anos de idade, além de ser muito nova e não ter casa para onde ir morar e sem saber quem era o meu pai!

Minha mãe foi levada várias vezes a Tribunal para dizer quem era o meu pai. Ainda hoje só ela é que sabe.

Depois minha mãe veio servir para Lisboa. Não tinha possibilidades para me ter junto dela. Fiquei em casa da minha avó e do meu avô que me trataram como filho.

Aos 8 anos minha avó meteu-me na Escola onde só cheguei a tirar a 1.ª classe. Chegava da escola ia sempre ajudar os meus avós, ou a guardar as ovelhas ou outros trabalhos; até cheguei a fazer o comer muitas vezes, porque a minha avó não podia vir cozinhá-lo, andava muito ocupada na fazenda.

Foi então que o meu avô adoeceu, tinha eu 9 anos, e foi obrigado a vender as ovelhas. Desde aí a vida foi ainda mais difícil para nós, porque as ovelhas ainda nos davam algum rendimento.

Chegou então a hora de vir para a Casa do Gaiato de Setúbal.

Minha tia, ao saber que o meu avô estava muito doente e a minha avó atrapalhada, achou que eu ali não me fazia um homem. Ali não havia muitas possibilidades de se arranjar um emprego ou estudar, pois só havia até ao Ciclo e a minha avó não tinha possibilidades de me meter lá a estudar porque não tinha economias para isso.

Foi então que a minha tia mais uns senhores que estavam em Almada trataram da minha vinda para a Casa do Gaiato.

E assim estou cá há 8 anos, onde acabei a Instrução Primária e fiz o Ciclo Preparatório. Depois estudei à noite no Liceu, mas perdi a vontade no meio do ano escolar e desisti. Fui trabalhar para as nossas oficinas onde estou como tipógrafo (compositor manual).

Amigos leitores, muito mais coisas vos tinha para dizer, mas fecho aqui este pequeno resumo duns bocados da minha vida.

Despeço-me de todos com um grande abraço.

José Manuel Marques Rodrigues

PARTILHANDO

É este o tempo de colher o que foi semeado. Já apanhámos algum milho e, agora, as uvas. A vindima começa sempre por ser um trabalho alegre. Assim é entendido e vivido. Não é pesado, prova-se um bago dos cachos mais maduros, diz-se uma brincadeira, canta-se. A boa harmonia de todos estes momentos são factor de alegria.

Um dos nossos rapazes dizia-me há dias que, lá fora, as vindimas são mais alegres. É verdade. A alegria é, faz-se, cultiva-se cá dentro de nós pelo sabor que cada coisa ou momento desperta em nós. Ora, se não soubermos saborear a utilidade de cada coisa ou momento que todos os dias passam por nós, eis a monotonia e a tristeza. Ou se não soubermos conjugar bem todos os momentos por onde o nosso trabalho passa, onde encontrar a alegria? Nem dentro de nós... É verdade. E o «lá fora» é o alibi tão desejado!

Outro assunto. As pombas voltaram aos nossos pombais. Da nossa Casa do Gaiato de Benguela veio o Sampaio e elas vieram com ele, poisadas no coração. Lá, tinha centenas e aqui não encontrou nenhuma. Hoje, um casal, amanhã outro — ofertas de amigos — vai enchendo o pombal. Por este andar e com a paixão que

ele tem pelos bichos, havemos de voltar ao tempo da passada. Era bom. Até para matar a sede de animais que os nossos mais pequenos têm. E eu também tenho, excepto dos cães e dos gatos, que iam fazendo aqui uma revolução tão grande dos «pró» e dos «contra». Realmente era barulho a mais e mais um problema. O Sampaio há-de resolver-nos o problema com outros animais que saibam respeitar as regras do dormir e não estimulem a agressividade. Ele, como chefe de casa, tem autoridade para fazer acontecer. Como nosso enfermeiro, tem-nos a todos nas mãos. A saúde é-nos tão cara! Como veterinário que quer ser, há-de ensinar os homens a tratar bem os animais. Mas, antes destes, está sempre a razão de ser daqueles — o Homem. É ele a causa da criação. Por ele só, é que Deus fez o acto criador. Se negamos o Homem, no desinteresse pela sua vida material e espiritual, esquecendo-nos dos seus direitos e nossos deveres, então negamos Deus com todas as letras. Ainda que digamos que não. Pela Natureza criada, nós chegamos ao conhecimento do Criador. Até pelas pombinhas do Sampaio...

SETÚBAL

Por
Ernesto Pinto

● Um grupo deles passa por mim de foice em punho. É um pequeno exército que quer paz. São os que ceifam erva para o gado. Levam com eles um chefe. É o «Chibata», um da idade deles.

Distribuir responsabilidades. Ensinar a comandar, não é coisa que seja fácil. Arriscamos a fracassos que, às vezes, nos doem.

Ontem foi o Pepe que abalou, sem dizer nada. Ele era dos mais velhos e deu por agora o lugar de chefe maior. Estava para ir tirar um curso de cozinheiro. Não quis. Foi puxado não sei por que ideia. Não sabemos para onde nem pró que foi...

Mas é assim mesmo: distribuir responsabilidades, ensiná-los a assumi-las e quando as desilusões vierem, corações ao alto e continuarmos do princípio. É a vida das Casas do Gaiato.

● Hoje soube que um dos nossos que tinha fugido, há meses, levando consigo um outro irmão, tinha agora escrito

uma carta a dizer do mal que tem passado ao longo desse tempo. São as ilusões da idade. É a procura duma liberdade fácil que muitos procuramos sem ela existir. É a realidade que anda arredia de muitos de nós, responsáveis. É o modernismo com as consciências deturpadas dos que ocupam lugares de destaque nas sociedades do mundo. As consequências vêm depois. Os homens acordam e dão fé daquilo que os mais experientes lhes ensinaram.

Ora, eu não me canso de pôr ao léu a frase de Pai Américo para ver se alguém tira partido dela: «Tudo o que for regresso a Nazaré é progresso social cristão».

Isto não fala nada em ideologias partidárias. O bem é só um. Haja a consciência dele

e de cada um saia a ideia de construir em conjunto. Que o sentido da Família exista na mente dos que têm a obrigação de comando.

● Os nossos mais velhos foram pró retiro. É altura de cada um meditar e dar um pouco de escola ao espírito.

Eu fiquei a compartilhar com o Daniel mais outros a chefia da Casa. Daniel safu pr'a cidade e coube-me a mim a distribuição das obrigações. Marquei grupos e responsáveis. Ao Armando «Cigano» e ao Bernardo coube uma zona de limpezas. Tocou pró almoço e eles vieram. Entretanto, eu tinha-os visto a brincar sem ligarem à obrigação. E tive que dizer a falta aos dois faltosos. Na hora do recreio foram fazer aquilo que não fizeram na hora do trabalho. Eu presenciei de longe e vi em que instantes a obrigação foi feita. Os outros andavam no recreio e eles também queriam. Há horas para tudo, cá em Casa. Isto é a Casa do Gaiato. E eles sabem aprender, assim nós sabemos ensinar na medida.

GAIATO: — «E tenho tido tantos assuntos!» Eu calei-me. Eu sei e os nossos leitores também têm que saber. É o «esgravatar» aqui e ali que tira o tempo e a disposição. Não há velhice nem mais nada que não seja do não poder repartir-se mais. São as limitações humanas. As vezes falhamos por via de querermos ultrapassar as necessidades! Nós sabemos disto. E a nossa pobreza humana continua.

● Nos últimos dias têm chegado a nossa Casa muitos vindos daqui e dali, a contento dos que nas suas terras trabalham para melhorar o mundo mai-la sociedade em que vivem. Primeiro foi o Mário, um preto pequenino, de nós lhe tiramos o chapéu. Depois foi o João, outro preto de Moçambique, português igual aos outros, até na necessidade de querer ser um homem. Estes pretos hão-de dar testemunho da verdade que «alguém» quer distribuir por todos.

Outro que veio foi o Fernando, irmão do «Fátima». Veio

pró pé de mim por via de ter feito o sexto ano de escolaridade e querer ser carpinteiro. Depois vieram dois irmãos do Algarve (Sr. Padre Acílio quando lá vai aos peditórios, traz sempre alguma prenda) que se esconderam debaixo das mantas e agora foram entregues ao Silvério, outro algarvio de gema que é vizinho do Amândio e do Marcolino, duas flores duma amendoeira escondida de que os turistas dão fé e nós ignoramos por via de estarmos habituados. Quando nos mostram, não há rejeições nem oposições; há a necessidade deles mai-las nossas limitações.

Que ninguém pense albergar ou asilar. Queremos ser Família dos que a não têm em termos concretos, onde o ambiente não existe por via dos par-deiros, dos tugúrios mais duma moral que lhes tem estado interdita. Eu digo e volto a repetir, que ele há gente que prega em bastidores e nunca a verdade sai a nu e cru de maneira que os outros digam e amem com convicção. Os filhos denunciavam as pareções dos pais. Os professores têm aqui uma palavrinha a dizer. A Escola é a continuação do lar. Pois que os professores saibam ver nos alunos os filhos que tantas vezes são «afunilados» por outros.

UMA CARTA

Cont. da 2.ª pág.

«São 2 da manhã e não consigo dormir. Lembrei-me de vos porque li hoje o vosso jornal e sinto-me mesquinha perante o inacreditável; não consigo dormir porque os 17.000\$00 que o meu marido ganha não chegam para as despesas do mês. Deixai-me ser um pouco mais egoísta e fazer a distribuição do ordenado:

Separámos para o imposto complementar:	800\$00
Cotas de futebol:	200\$00
Telefone, em média:	400\$00
Cafés e tabaco do meu marido:	1.100\$00
Gasolina:	2.500\$00
Colégio dos meninos:	1.500\$00
Abono dos meninos que depositamos:	500\$00
Rénda que não pagamos, mas separámos para alugar casa de praia:	1.500\$00
Mercearia que não pagamos:	1.000\$00
Despesas da casa: pão, luz, leite, etc. etc.:	7.500\$00
	17.000\$00

que não sei como chegar para tudo. Que quantia tão módica para aqueles que nada têm. Não sou ignóbil?

Vedes na lista alguma verba para a vossa Obra? Sinto-me triste ao ler a coluna das ofertas e sensibilizada com algumas cartas. Mas há tantas coisas que eu queria: uma fritadeira, uns sapatos novos e uma carteira, os acessórios de Kenwood enquanto estão mais baratos... Desculpai o desabafo, Padre, mas não consigo dormir. Eu queria aprender convosco e não posso sózinha. Tudo isto é para vos pedir algo em vez de dar: pedir que intercedais ao Senhor por mim, para que eu refreie a minha ambição. Para eu aprender a olhar para os que têm menos e não desejar o conforto e a comodidade dos que têm mais. Eu sofro porque conheço muito do que é bom e não posso ter e só gosto do que é bom e caro. Tanto eu como o meu marido fomos habituados a boa mesa. Como mãe, assim tratei os meus filhos, mas ao preço que as coisas estão, agora tenho de aprender a governar-me.

Eu tenho muita, muita coisa: um marido pouco gastador e com saúde; uns filhos (dois) que são uns amores e saudáveis; dois carros; máquina de lavar roupa e louça; uma casa mais ou menos confortável. Mas porque não me contento? Porque quero eu uma casa nova (esta é um arranjo daquela onde o meu marido nasceu) e eu sonho com uma casa-quintinha? Graças a Deus ainda temos algum dinheiro de lado, apesar do desastre das acções, porque os pais do meu marido nos dão carne e ajudam no que podem (porque eles podem bem). Mas eu sofro e sou ingrata. Acho que esta descrição vos dará ideia porque digo isto. Por isso vos peço: rezaí para eu aprender a abdicar, a refrear a ambição; a ser feliz em dar mais e receber menos; e... se puderdes, dai-me uma palavra de conforto e reprovação.

Eu só quero enviar esta carta quando tiver algo para dar. Agora peço a Deus que me ajudasse a adormecer. Sem repouso não consigo forças para trabalhar. Uma coisa que não pareço ter desde o esgotamento há dois anos: grande saúde, ou melhor capacidade para me vencer e executar as tarefas que me cabem fazer no meu lar. Ajudai-me por favor, Padre. Talvez as vossas orações sejam mais aceites por Deus. Eu peço a todos que podem mais do que eu. Eu queria cumprir seguindo a palavra de Deus, mas sózinha não posso. Ajudai-me.»

● Outro dia disse ao sr. Padre Acílio que há muito tempo que não escreve pr'O

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

a «anormalidade» como «normal»...

■ Vamos recomeçar a nossa peregrinação pelos templos da capital e arredores. Sem oiro nem prata nos apresentamos. É uma tarefa espinhosa a que não podemos fugir. O Espírito soprará, com certeza, para que todos saibamos dar e recolher.

AVISO

De novo, aqui estamos a alertar os nossos Amigos para o inqualificável abuso dumas pretensas senhoras que se arrogam a pedir, na via pública, nomeadamente na baixa e no Marquês do Pombal, para a Casa do Gaiato ou para a Obra do Padre Américo. É mentira! É falso! Os que nós conhecemos sabem bem que não utilizamos tais processos. O recurso aos agentes de autoridade em serviço e o esclarecimento das pessoas menos familiarizadas com a Obra, são medidas que se aconselham para combater tal praga!

Padre Luiz



Nos baixos do viaduto, depois do Estádio da Luz, em Lisboa: uma triste e expressiva situação de degradação humana.

 **Gaiato**

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa